

O SENTIDO COMO EFEITO DE E BASES SIMBÓLICAS DE SIGNIFICAÇÃO

Maria da Conceição FONSECA-SILVA
con.fonseca@uol.com.br

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Neste trabalho, refletimos sobre algumas questões relacionadas ao sentido como efeito de, sua imbricação com o sujeito como efeito de e bases simbólicas de significação.

Sabemos que, para construir o discurso como objeto de estudo, Pêcheux tomou como base a teoria de valor de Saussure, que coloca a língua como sistema formal, para pensar o discurso no confronto teórico da articulação entre o sujeito da linguagem e o sujeito da ideologia. O discurso, nessa perspectiva, constitui-se na relação com a história e como efeito de sentido.

Ao formular uma teoria semântica ou uma teoria materialista do discurso, Pêcheux propôs um deslocamento da reflexão teórica sobre a forma-sujeito (em Althusser) e as ilusões de transparência ou evidência do sentido, argumentando que todo o seu trabalho encontra “sua determinação, pela qual a questão da constituição do sentido junta-se à (sic) da constituição do sujeito” (PÊCHEUX, 1975, p.160).

O autor defende a não transparência da linguagem, argumentando que o caráter material do sentido consiste na dependência constitutiva do “todo complexo das formações ideológicas” (p.160), já que a formação discursiva é o lugar de constituição do sentido, ou seja, um efeito-sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A língua é tomada como a base lingüística de processos discursivos ou processos de significação articulados com

processos sócio-históricos que se desenvolve sobre esta base que é opaca, ou seja, a língua funciona como base comum de processos discursivos diferenciados e como lugar material onde os efeitos se realizam. O autor argumenta, ainda, que a metáfora constitutiva do efeito-sentido é determinada por uma região do interdiscurso.

A partir da tese de Milner (1979) de que a língua suporta o real da *lalangue*: o impossível de achar, o equívoco, o deslize, a falha e a ambigüidade constitutivos da língua, inscritos na própria língua, postula-se que o sentido escapa sempre.

A língua continua a ser tomada como estrutura, mas uma estrutura em que o ponto da falta, ou seja, o real da língua se manifesta como uma série de equívocos cuja representação é situada na própria língua (lugar de análise dos processos discursivos).

Isso significa que o real da língua, conforme essa posição teórica, é atravessado por uma divisão discursiva entre o espaço de manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o das transformações do sentido, escapando a toda norma a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomado no lance indefinido de interpretações (PÊCHEUX, 1982, p.25).

Segundo Pêcheux (1983a), toda descrição está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua. E por isto todo enunciado é suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para outro, desde que não haja proibição explícita de interpretação própria ao logicamente estável. Em outras palavras, toda descrição de um enunciado ou de uma seqüência coloca em jogo

o discurso-outro que, enquanto espaço virtual de leitura ou presença virtual na materialidade descritível, marca, no interior desta materialidade, a insistência do outro como lei do espaço e de memória histórica, como o próprio princípio do real sócio-histórico) (PÊCHEUX, 1983a, p.55)

A questão que se impõe nesse momento de reflexão é a seguinte: A descrição das materialidades discursivas, nos trabalhos atuais, instalam-se somente no real da língua?

Pêcheux (1983b) indica que além do real da língua outros reais podem ser descritos. Da perspectiva da Análise de Discurso, materialidades não-verbais como a imagem, por exemplo, não é conforme o autor, legível na sua transparência,

porque um discurso a atravessa, mas a imagem opaca e muda, quer dizer, aquela da qual a memória ‘perdeu’ o trajeto de leitura (ela perdeu assim um trajeto que jamais deteve em suas inscrições) (PÊCHEUX, 1983b, p.55).

Com relação ao encontro da materialidade verbal com a materialidade não-verbal, Pêcheux (1983b, p.55) pergunta:

(...) no entrecruzamento desses dois objetos, onde estamos tecnologicamente e teoricamente, hoje, com relação a esse problema que, após Benveniste, Barthes designou com o termo ‘significância’? (...) Em que pé estamos com relação a Barthes?

Retomamos Silva (2003) para afirmar que, nos trabalhos atuais que se desenvolvem no campo da AD, a descrição das materialidades discursivas supõe o reconhecimento do real da língua, mas também o reconhecimento de outro(s) real(is) e que, quando falamos em materialidade simbólica, estamos falando tanto de materialidade lingüística quanto de materialidade pictórica (entre outras), pois a língua é apenas uma das formas de materializar o discurso e não a única.

Com isso, argumentamos que a Análise de Discurso, enquanto disciplina de interpretação, está construindo procedimentos para expor o olhar-leitor à opacidade tanto da língua quanto de outros domínios semióticos, colocando em jogo o outro enquanto espaço real de leitura, o que significa que os diversos domínios semióticos, assim como a língua,

não são transparentes, pois funcionam como lugar material onde os efeitos se realizam.

Enfim, essas questões implicam que o significar está na ordem do discurso e não ordem da língua (ou de outros domínios semióticos), cujo (s) real(is) é(são) atravessado(s) pela divisão discursiva entre o espaço da manipulação de significações estabilizadas e o espaço de transformações do sentido; que o impossível de achar, o equívoco, a falha e a ambigüidade são constitutivos da língua e, por isso, o sentido como efeito de sempre escapa, mas escapa, também, em materialidades discursivas que comportam a língua e outras bases simbólicas de significação ou somente outras bases simbólicas de significação.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- MILNER, J-C. (1978). O amor da língua. Tradução de Cristina Jesuíno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 82 p.
- PÊCHEUX. M. (1975). Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. 317 p.
- _____. (1982). Sur la (dé)construction des théories linguistiques. D.R.L.A.V. n. 27, p.1-24.
- _____. (1983a). O discurso: estrutura ou acontecimento? Tradução de Eni P. Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990. 68 p.
- _____. (1983b). Papel da memória. Tradução de José Horta Nunes. In: ACHARD, P. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.p. 49-57.
- SILVA, M^a. da C. F. (2003). Os discursos do cuidado de si e da sexualidade em Claudia, Nova e Playboy. 2003, 378 págs. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas, 2003.